

## FANTASMA

O Américo pensava no filho, que no próximo domingo fazia dois anos, quando a explosão o atirou ao ar. Caiu de costas na cama fofa do capim.

Por um bom lapso de tempo não conseguiu raciocinar, os ouvidos numa zoadá tremenda. Gradualmente, foi recuperando a lucidez.

«Meu Deus! O que teria sido? Meus Deus, meu Deus, devo estar ferido. Será grave?»

Vozes alvoroçadas subiam ao redor.

«Meu filho, nunca mais te torno a ver».

Após mais uns minutos de imobilidade, apercebeu-se que não sentia dores. Ousou mexer um pé, depois o outro, as mãos, o pescoço, o suor a cegá-lo. Sentou-se.

«Meu Deus, estou vivo».

Pôs-se de pé. A zoadá nos ouvidos parou. Finalmente, compreendeu que não estava ferido.

Na picada sobrepunham-se ordens, gritos, correrias.

«Foi uma mina, foi uma mina. Onde estará a minha G-3? Se o capitão me apanha sem a arma dá-me uma descasca.»

Reentrou na picada.

- Há feridos?

Ninguém lhe respondeu. O capitão, na berma da picada, acorado sobre o rádio de transmissões, estava a comunicar com a Companhia, numa voz despropositadamente alta. O Barão fumava um cigarro, com a G-3 a servir de cajuado. O enfermeiro punha um penso na testa do Costa.

- Estou muito ferido? - perguntou este, pálido como um cadáver.

- Nem deita sangue. Feriste-te numa folha de capim.

- Qual folha de capim, qual carapuça, isto foi um estilhaço. Bem senti.

O unimog atingido afocinhara, com os pneus da frente rebentados. Um cheiro intenso a borracha queimada pairava no ar.

- Vem já aí o 2º pelotão socorrer-nos anunciou o capitão largando o rádio. - Alferes Mendonça mande já os homens sair da picada e monte a segurança. Que bandalheira é esta?

Só então o Américo sentiu a falta do Fantasma.

- O Fantasma? Onde tá o Fantasma?

- Cagou-se todo com o medo e cavou por esses morros acima - troçou o Barão.

Américo emitiu um assobio e esperou. Nada, do Fantasma nem sombras.

- O Fantasma tá aqui, Américo. Em cima do unimog.

Américo correu para a viatura danificada. Um grande novelo, branco e peludo, jazia sob os bancos.

- Fantasma - chamou Américo.

O animal não se moveu.

- Fantasma! - tornou o dono, a voz sumir-se.

Pegou-lhe por uma pata inerte e puxou-o. Estava morto. Um estilhaço perdido fizera um rombo na caixa da viatura e perfurara-lhe o peito, ao nível do coração.

Américo continuou a puxar e o corpo tombou na picada com um baque surdo. Uma roseta de sangue alastrava pelo peito do cadáver, humedecia a terra esfarelada.

Mendes pousou a mão no ombro do Américo.

- Tem calma. . . -

- O que há aí?- interpelou-os o capitão. - Não ouviram as ordens?

- O Fantasma morreu - disse Mendes.

- Atirem-no para o capim. Antes o cão do que um homem. Mexam-se.

- Ficaste viúvo, Américo - troçou o Barão.

- Deixa-o - disse secamente Mendes.

Surdo a tudo, Américo debruçara-se sobre o corpo do Fantasma, os lábios lívidos como que agitados numa prece.